

divindades egípcias, possui uma forma pouco poética que os Egíptólogos têm tentado inutilmente desvendar em seus mistérios e suas funções.

A sua adoção na Igreja pelos primeiros cristãos mostra que eles sabiam mais do que os nossos Orientalistas modernos. A “deusa sapo ou rã” era uma das principais divindades cósmicas ligadas à criação, devido à sua natureza anfíbia, e principalmente por causa da sua aparente ressurreição, depois de longas eras de vida solitária grudada a velhos muros, rochas, etc. A deusa rã-sapo não só participava da organização do mundo, junto com *Khnoom*, mas estava também ligada *ao dogma da ressurreição*. [1]

Deve ter havido um significado muito profundo e sagrado neste símbolo, porque os primeiros cristãos egípcios o adotaram em suas igrejas, apesar do perigo de serem acusados de uma forma repugnante de zoolatria. Uma rã ou sapo, colocada sobre uma flor de lótus ou simplesmente, sem o lótus, era a forma escolhida *para as antigas lâmpadas da Igreja*, nas quais eram gravadas as palavras “Eu sou a ressurreição” [2]. Estas deusas rãs são encontradas também em todas as múmias.

(Helena P. Blavatsky)

NOTAS DE HPB:

[1] Entre os egípcios era a ressurreição do renascimento depois de 3.000 anos de purificação, seja no Devachan ou nos “campos de bem-aventurança”.

[2] Tais “deusas-rãs” podem ser vistas em Bulaque, no museu do Cairo. A fonte da afirmação sobre as lâmpadas da igreja e suas inscrições é o erudito ex-diretor do Museu de Bulaque, o sr. Gaston Maspero. (*Veja o seu “Guide du Visiteur au Musée de Bulaq”, p. 146.*)

000

Traduzido de [“The Secret Doctrine”, volume I](#), pp. 385-386. No original em inglês trata-se de um único parágrafo, dividido aqui em parágrafos menores para facilitar a leitura. (CCA)

000

Ingresse no grupo [“Árvores, Rios e Teosofia”](#), no Facebook.

000

Clique Para Ver:

Moshe Cordovero e a Mudança Social

**Por Que o Bom Senso
Inspira uma Atitude Equilibrada**

Em seu romance “**Os Demônios**”, de 1872, Fiódor Dostoievski antecipa a ocorrência de revoluções socialistas, e condena a tentativa de alcançar melhorias sociais a partir da prática do ódio e da violência.

000

Galileu Galilei e Helena Blavatsky



Helena P. Blavatsky e Galileu Galilei

A ignorância média do Carma coletivo ataca sistematicamente os indivíduos que têm alguma sabedoria. O fato é dolorosamente demonstrado, por exemplo, no que acontece a Jesus no Novo Testamento. Outros exemplos são as perseguições contra Paracelso, Giordano Bruno, Galileu Galilei (condenado como “charlatão” por ter a ousadia de dizer que a Terra gira em torno do Sol), contra Helena Blavatsky e o Conde de Cagliostro.

Incontáveis são as vítimas de mecanismos coletivos de controle da mente - antigos, medievais e modernos. Quantos “charlatães” o Vaticano torturou e assassinou em fogueiras? Quantos exemplos de intolerância vemos hoje?

Como todo mensageiro que transmite luz espiritual e conhecimento divino, Helena Blavatsky atacou a ignorância ensinando francamente a verdadeira sabedoria e o amor pela verdade. Este é um crime terrível aos olhos da ignorância organizada. Pelo menos, Blavatsky não foi fisicamente assassinada, e isso constitui uma grande vitória.

Apesar de todos os obstáculos, a verdade e a justiça prevalecem uma e outra vez - no tempo certo.

000

Teosofia original? Entre para o grupo “[SerAtento](#)”, em [GoogleGroups](#).

Um Conto de Malba Tahan:
Bom, Mas Não Muito
(do folclore russo)



NOTA EDITORIAL:

Durante décadas a história a seguir circulou amplamente no Brasil como piada popular, com adaptações livres de cada indivíduo que a contava. A moral da narrativa - a sua lição - é a seguinte.

Os acontecimentos externos oscilam o tempo todo, e não vale a pena catalogar superficialmente como *desejável* ou *indesejável* este ou aquele acontecimento da vida diária. Devemos, isto sim, fazer o nosso melhor, plantando bom carma a todo momento. Cada fato traz lições para nós. Toda vitória cria perigos, e toda derrota pode tornar-nos mais sábios. Quanto ao personagem principal e narrador do conto, cabe a ele desenvolver a paciência e a impessoalidade, para não ficar a pé na estrada. Sempre é possível aprender: isso é que é bom. (Carlos Cardoso Aveline)

Bom, Mas Não Muito

Malba Tahan

A diligência, entre nuvens de poeira, rolava aos trancos pela estrada. Alguns passageiros, de braços cruzados, meditavam em silêncio. Ouviam-se, de quando em vez, os gritos estridentes

do boleiro. Na minha frente dois camponeses conversavam. Um deles, que parecia o mais velho, falava desta sorte:

- Tenho agora um magnífico pomar em minha casa.

- Isso é que é bom! - ajuntou o outro com um sorriso de vulgar e lorpa amabilidade.

- Bom, mas não muito - respondeu o velho - pois tenho tido, com o pomar, um trabalho excessivo.

- Isso é que é mau!

- Mau, mas não muito. Graças ao novo pomar ganhei algum dinheiro e com esse primeiro lucro comprei um porco.

- Isso é que é bom!

- Bom, mas não muito. O porco fugiu-me de casa, e foi para o quintal do vizinho que se apoderou dele e o matou.

- Isso é que foi mau!

- Mau, mas não muito. Dei queixa ao juiz e o meu vizinho foi obrigado a me pagar uma boa indenização.

- Isso é que foi bom!

- Bom mas não muito, pois o tal vizinho, em represália, soltou os cabritos no meu pomar.

- Isso é que foi mau!

- Mau, mas não muito. Matei os cabritos e vendi as peles na feira.

- Isso é que foi bom!

- Bom, mas não muito...

Aquela conversa já começara a fazer-me mal aos nervos. Resolvi descer da diligência mesmo em movimento; fui, porém, tão infeliz que tropecei numa pedra e caí.

Isso é que foi mau! - dirá naturalmente o leitor.

Mau, mas não muito. Pois só assim fiquei livre de ouvir, durante algumas horas, uma história que parecia não ter mais fim.

Isso é que foi bom!

(Malba Tahan)

[Reproduzido do livro “**Contos de Malba Tahan**”, 2ª edição, impresso em dezembro de 1929 em A Encadernadora, S.A., Rio de Janeiro, 236 pp., ver pp. 217-219.]

O Aspecto Sagrado de Um Bebê



O bebê recém-nascido é um milagre sempre renovado, uma evidência de que, dentro do laboratório do útero, um poder criativo inteligente interveio para unir uma alma viva a uma máquina física. A maravilha extraordinária deste fato acrescenta uma profunda sacralidade a tudo o que diz respeito aos órgãos de reprodução, como moradia e lugar de uma evidente intervenção construtiva da divindade.

[Trecho de um manuscrito cabalístico citado nas páginas 381-382 do [volume I de “The Secret Doctrine”](#), de Helena P. Blavatsky. Veja também o artigo [“Um Cosmo Em Cada Feto Humano”](#).]

000

A Consciência Ecológica de Blavatsky

Qual é a importância do ambiente natural para quem busca a sabedoria eterna?

Helena Blavatsky escreveu:

“A silenciosa adoração da Natureza abstrata ou *numenal*, única manifestação divina, é a única religião enobrecedora da Humanidade.” ([“The Secret Doctrine”, volume I](#), p. 381, nota de rodapé.)

A teosofia clássica estuda a natureza terrestre e cósmica nos seus aspectos divinos.

000

Diário da Pesquisa: **Cagliostro e a Revolução Francesa**



“Memórias de um Médico” na edição portuguesa de 26 volumes

“**M**emórias de um Médico”, de Alexandre Dumas, é uma das obras-primas da literatura mundial de todos os tempos.

Com 13 volumes na edição brasileira e 26 volumes em uma das edições portuguesas, a obra é uma grande realização literária. Dumas contava durante a tarefa com a ajuda de outros bons escritores, que faziam pesquisas e redigiam pedaços da obra sob sua direção.

O valor de “Memórias de um Médico” é inestimável como estudo das contradições da alma humana. Transmite grande amor à vida. Estuda com nitidez e clareza magistrais as mais complexas nuances da alma dotada de coragem, quando enfrenta situações dramáticas. É grande - e é realista e sábia - a lucidez com que descreve a vida psicológica dos seus personagens.

Ao abordar o tema histórico da revolução francesa iniciada em 1789, a narrativa conjuga doses iguais de realismo e fantasia, como por exemplo em relação ao conde de Cagliostro, injustiçado e tratado como bode expiatório da narrativa. O autor permitiu-se uma considerável “distância criativa” em relação aos fatos concretos.

Dumas discute na obra os problemas sociais e políticos de modo sensato e humanista. Descreve o esforço dos Iniciados para influenciar a evolução humana para melhor, ainda que faça algumas concessões lamentáveis às fantasias supersticiosas usadas pelos que perseguem os místicos.

“Memórias de um Médico” é uma viagem no tempo.

Apesar dos seus defeitos e das suas páginas decepcionantes, o relato é grandioso. Dumas faz com que o leitor viva imperfeitamente no século 18 francês, e inclui na narrativa - embora de modo precário e em meio a distorções - o ponto de vista teosófico autêntico. (CCA)

000

Leia Mais:

* [“Alexandre Dumas Descreve Cagliostro”](#). * [“O Mistério de Alessandro Cagliostro”](#).

000

As Árvores, os Rios e o Ser Humano



Pintura de Jacob Savery (1566-1603)

Não há motivo para nos afastarmos da Natureza. Nosso destino é o mesmo dos ambientes naturais que nos rodeiam. A narrativa simbólica do Gênesis afirma este fato com força inigualável.

Vejamos um trecho iluminado da Bíblia judaico-cristã. Para compreendê-lo desde o ponto de vista teosófico, é preciso levar em conta que “Deus Jeová” é a Lei Universal em ação na Terra, e é também o bom carma acumulado pela Onda de Vida em nosso Globo.

Diz o Gênesis, cap. 2, versículos 8-12:

“Jeová Deus plantou um jardim em Éden, no Oriente, e aí colocou o homem que modelara. Jeová Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a Árvore da Vida no meio do jardim, e a Árvore do Conhecimento do bem e do mal. Um rio saía de Éden para regar o jardim e de lá se dividia formando quatro braços. O primeiro

chama-se Físon; rodeia toda a terra de Hévila, onde há ouro; é puro o ouro dessa terra na qual se encontram o bdélio [resina aromática de origem vegetal] e a pedra ônix.”

Somos irmãos de um jardim, de uma floresta. E somos irmãos dos primeiros rios. Nascemos num meio ambiente em que havia ouro em estado natural. O fato simboliza a idade áurea do desenvolvimento da alma humana, em que predomina o espírito puro, a mente superior, elevada, espiritual. E a pedra ônix é associada a Vênus, à pureza, à segurança e à proteção.

A árvore do conhecimento do bem e do mal nos era proibida porque ela simboliza o conhecimento dualista, fragmentado, dominado pela ilusão da separatividade, que resulta do egoísmo e também é causa do egoísmo.

Tudo é cíclico na história humana.

É perfeitamente possível e talvez seja inevitável voltar à floresta primordial chamada de paraíso. Para isso, no entanto, cabe transcender a mente egocêntrica e alcançar outra vez a mente sagrada, a inteligência pós-dual, a consciência sintetizadora, criativa, que vive o contraste como coisa secundária e a unidade da vida como fato central.

De que modo se dá a transição de volta para o plano divino, enquanto estamos aqui na Terra? Como sempre, os pioneiros abrem caminho. Isso deve ser feito inicialmente na existência concreta de cada indivíduo que olha mais à frente, até que os bons exemplos passem a ser seguidos e o fenômeno comece a generalizar-se.

000

As Condições do Pássaro Solitário



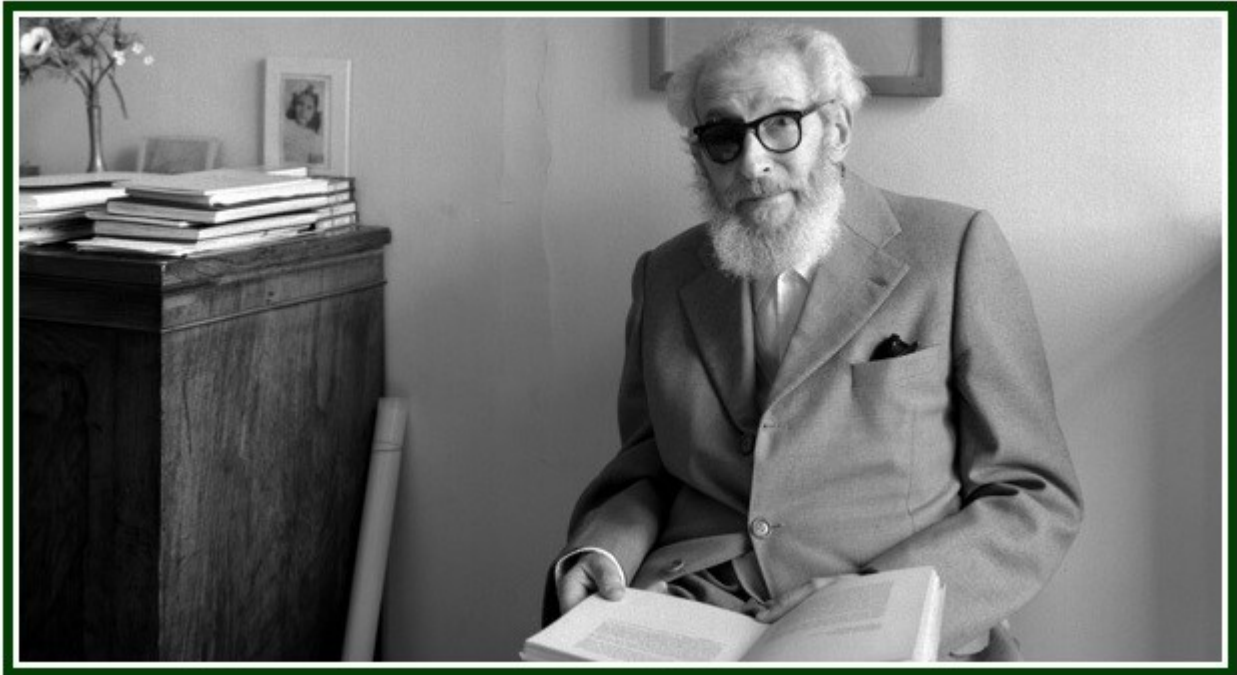
“Pouco importa estar o pássaro amarrado por um fio grosso ou fino; desde que não se liberte, estará tão preso por um como pelo outro. Verdade é que quanto mais tênue for o fio, mais fácil será de se partir. Mas, por frágil que seja, o pássaro estará sempre retido por ele enquanto não o quebrar para alçar voo. Assim sucede à alma cativa por afeição a qualquer coisa: jamais chegará à liberdade da união divina, por mais virtudes que possua. (...) As condições do pássaro solitário são cinco: a primeira, voar em direção ao mais alto; a segunda, não tolerar companhia alguma, nem mesmo a da sua natureza; a terceira, voltar o bico para o ar; a quarta, não ter cor determinada; a quinta, cantar suavemente.”

(São João da Cruz)

[A citação acima abre o capítulo onze da obra “**A Vida Secreta da Natureza**”, de Carlos Cardoso Aveline, Ed. Bodigaya, Porto Alegre, 2007.]

Ideias ao Longo do Caminho

Quando um País Age Como Uma Orquestra Desafinada



Claude Aveline (1901-1992), em Paris, em 1988

* A lamúria é a marca da mente desatenta. Se há decadência a seu redor, seja mais forte que a rotina da degradação: inove, renasça e faça renascer a vida. Decida que você é responsável pela sua própria existência.

* Vá à luta - e vença. Jamais deseje derrotar alguém, porque o outro é sempre um espelho seu. Derrote suas autolimitações, vença seu autoboicote e sua ignorância. Decida alcançar o melhor por mérito próprio. Persevere. A vitória começa no interior de cada um, e ocorre a partir do momento em que há uma decisão firme e durável de vencer.

* Criticar os outros é quase sempre uma futilidade: meritório é pensar no bem e agir à altura. Cabe construir o que é saudável.

A Rocha e o Vento

* Quando o sentimento de ansiedade se espalha, cabe desassociar-se dos automatismos coletivos cuja base é a cegueira.

* Uma aceleração indevida dos acontecimentos externos abre caminho para a autodestruição daquelas formas de ignorância organizada que já não resistem ao seu próprio peso.

* Na via oposta à implosão das estruturas coletivas do insustentável, cada cidadão sensato fortalece a sua tranquilidade e sua vocação de vitória. Ele expande seu desapego e sua independência em relação a consensos pré-fabricados. Ele retoma o contato com a natureza.

Ele escuta o silêncio e sente que o vento e as árvores são seus irmãos mais velhos. Ele nomeia o relâmpago, a água da chuva, os rios e os oceanos como seus conselheiros pessoais. Sua fortaleza é uma tranquilidade vigilante.

* O cidadão sensato leva em conta **Wu-wei** - o princípio filosófico da China antiga - e atua mantendo uma aparente imobilidade. Seu trabalho parece nada aos olhos dos outros. Sua vitória é quase invisível, e por esse motivo é segura. Assim como a água, sua principal força é insípida, inodora, incolor, e não possui forma. Pode ser também expansiva como o fogo, firme como a rocha e tão impalpável quanto o vento.

A Doutrina Secreta

* A leitura de toda grande obra da literatura universal requer um esforço paciente e sistemático. O leitor deve sublinhar e anotar o texto, consultar obras de referência e fazer perguntas a outros estudantes. Cabe trocar ideias, meditar, contemplar, e relacionar o que aprende com a sua própria vida diária. A obra "**A Doutrina Secreta**" (DS), por exemplo, não pode ser estudada e compreendida sem que se altere a consciência do estudante.

* O pesquisador que começa a ler e estudar a DS não é exatamente o mesmo que termina a leitura, 1.500 páginas depois (na edição original em inglês). No entanto, a mudança da alma ocorre de dentro para fora, impulsionada por uma expansão revolucionária de horizontes, e acontece em silêncio, sem alarde, imperceptivelmente.

* As passagens áridas da **DS** dão direito a compreender melhor os trechos iluminadores. A bênção do estudo é contínua e profunda, mas algumas passagens a tornam mais perceptível para o leitor atento. A transpiração do esforço duro prepara a iluminação súbita do relâmpago. Cada página contém os aspectos probatórios indispensáveis para a mente do mundo tridimensional, e ao mesmo tempo possui a bem-aventurança e o brilho da consciência superior.

Uma Orquestra Desafinada

* Um raja-iogue dos Himalaias afirmou em carta a um discípulo leigo ocidental: "Para nós um lustrador de botas honesto é tão bom quanto um rei honesto, e um varredor de ruas imoral é muito melhor e mais desculpável do que um imperador *imoral*". [1]

* E o escritor francês Claude Aveline escreveu:

* "Ser amigo de alguém porque ele é pobre me parece divinamente absurdo. Eu não tenho mais consideração por um homem pobre do que por um homem rico. Mas detesto a injustiça social, pela mesma razão pela qual não suporto ouvir uma orquestra mal afinada." [2]

A Lenta Percepção da Verdade

* Na parte final da Carta 88, em "Cartas dos Mahatmas", um mestre afirma: "não podemos aceitar a ideia de inundar o mundo, sob pena de afogá-lo, com uma doutrina que deve ser revelada cautelosamente e gota a gota, como um tônico demasiado poderoso que tanto pode matar como curar."

* Por seu lado, Claude Aveline defende a seguinte tese:

* “Aqueles que têm orgulho de mostrar aos homens a verdade nua e crua talvez não sejam os que contribuem para o seu triunfo mais rápido. Como o amor, como a morte, a verdade necessita dos véus da ilusão. E da mesma forma, para servir de exemplo, não é suficiente ser digno, é preciso encantar. A virtude não é ajudada pelo exagero. Nem a verdade nem a virtude podem vencer, sem antes seduzir.” [3]

* De fato, a verdade deve ser administrada com cuidado e transmitida pouco a pouco, para que possa ser absorvida. A beleza da verdade é fascinante, mas não é sempre óbvia. No entanto, *ver a beleza da verdade é sempre necessário para amá-la*, e para defendê-la a ponto de fazê-la vencer.

NOTAS:

[1] “Cartas dos Mahatmas”, Editora Teosófica, Brasília, 2001, edição em dois volumes, ver Carta 29, volume I, p. 158.

[2] Traduzido do livro “Avec Toi-Même, Etc.”, de Claude Aveline, Mercvre de France, 1963, 175 pp., p. 80.

[3] Do livro “Avec toi-même, etc.”, 175 pp., p. 78.

000

A respeito da beleza da verdade, veja um conto de Malba Tahan em que ela se apresenta como uma mulher: “[Uma Fábula Sobre a Fábula](#)”.

O Refluxo Automático da Memória



O teósofo Aleixo Alves de Souza escreveu em seu poema “Arte de Esquecer”:

“É da humana feição o repetir
Ideias contundentes, de agonia,
Numa volúpia mórbida, a ferir,
Com insistência rítmica e sombria.”

“E esse obcecante e duro refluir

Da memória é tortura, é tirania
Ao ser que, apavorado, quer fugir
Das algemas que a mente assim lhe cria.”

“E vai, de angústia a angústia, assim levado
Pela torrente intérmina da Vida,
Às garras do Desejo agrilhado...”

A teosofia ensina a ir muito além do refluxo natural e subconsciente da memória.

A sabedoria esotérica convida a dar um rumo definido ao pensamento e ao sentimento. Para isso é preciso ter presença de espírito. A alma necessita ter vontade própria e ser mais forte do que as marés astrais, que anulam umas às outras e não levam a parte alguma.

Aleixo conclui o seu lamento:

“Ah! se à alma não fosse permitida
A glória de esquecer o mal passado,
Melhor lhe fora, então, não ser nascida!” [1]

Mas a meta não é exatamente esquecer o passado, e sim conhecê-lo bem, sem ficar preso a ele.

Cabe tirar do passado sempre novas lições, para viver melhor a cada dia e para construir com eficiência crescente um futuro saudável.

Assim como o porvir, o passado é nosso amigo e nosso mestre. Ainda que esteja ligado a sofrimento, é grande fonte de bênçãos.

Basta saber que temos o dever de aprender com o passado - em outras palavras, basta aceitá-lo como nosso Instrutor -, para caminhar de modo mais definido na direção da bem-aventurança.

NOTA:

[1] “[Arte de Esquecer](#)”.

000

O Rio e a Pedra

Não te desvies do obstáculo, não tentes fugir de tuas dificuldades. Quando encontra uma pedra em seu caminho, o rio nunca volta para trás. Ele a contorna deslizando, brinca com ela como o curandeiro que murmura e encanta o ferimento ou, então, ele salta num feixe de luz. Aprende a dançar com o obstáculo, se queres progredir.

[Do livro “Tradição Indígena Norte-Americana”, org. Jean-Paul Bourre, Ed. Nova Era, RJ, 2005, 152 pp., ver p. 43.]

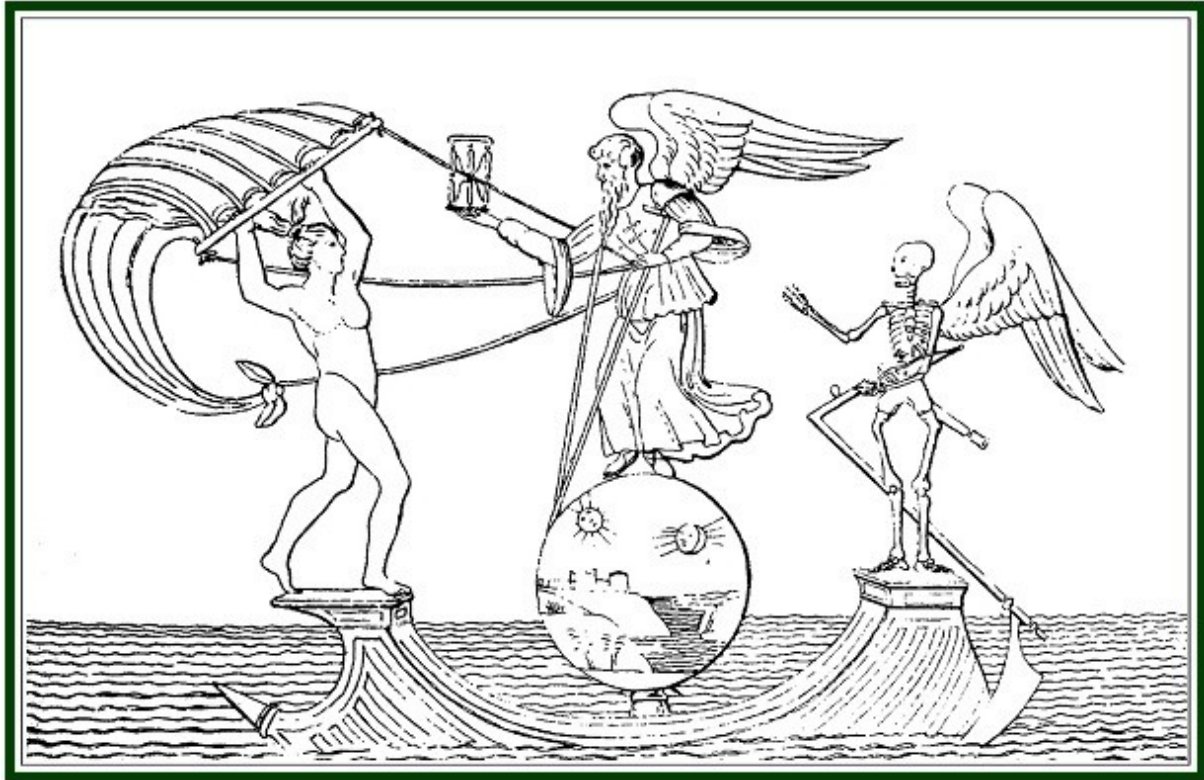
000

Teosofia autêntica? Ingresse no grupo “[SerAtento](#)”, em [GoogleGroups](#).

000

Os Elementos da Natureza Humana

Uma Embarcação Pequena e Frágil Navega no Oceano Cósmico



Espírito, vitalidade e corpo, na imagem usada por Paul Carton

A Teosofia é um remédio, umas vezes doce, outras vezes amargo, que ajuda a controlar a dor, bem como a limpar e a cicatrizar as mais profundas feridas. A Teosofia é aquele Sol capaz de iluminar a mais cerrada escuridão. Ela é alimento que nutre a alma, espada que ajuda a cortar as ilusões, escada que conduz a dimensões elevadas e etéreas, água que limpa, luz que guia e esclarece.

Esta ciência da alma explica a origem da vida, seu processo e propósito evolutivo. A Teosofia dá respostas àquelas perguntas que me inquietaram durante a infância e a juventude:

Quem sou eu? O que faço neste Mundo? Qual o propósito da Vida? Por que há pessoas com tanta sorte e outras com tanto azar? O que leva uma criança a nascer em determinada família e em determinado século e país? Por que as guerras existem? Há seres mais evoluídos do que o ser humano? Há vida em outros planetas?

Estudar teosofia tem sido uma bênção em minha vida.

Não tenho respostas para todas as minhas perguntas, até porque à medida que o estudo avança crescem as interrogações. Também não busco por respostas específicas. Tenho aprendido que o estudo vai respondendo naturalmente, muitas vezes através de renovadas perguntas, não quando eu quero, mas sim quando estou interiormente capacitada para recebê-las.

As respostas são do conhecimento da alma e estão sempre presentes, esperando pelo amadurecimento, pelo grau de pureza que permitirá enxergá-las e chegar até elas. É como a presença do sagrado eu superior, que caminha sempre a nosso lado sem darmos por ele. Essa presença silenciosa assiste a tudo, lançando sempre sua influência divina.

Cabe a nós simplificar o processo que é Viver para que essa presença seja vista a cada dia com mais clareza e sobretudo para que seja mais respeitada.

A natureza humana é complexa e multidimensional. Por vezes podemos pensar uma coisa e fazer o oposto do que gostaríamos de ter feito. Traçamos uma meta e nem sempre se consegue avançar pelo caminho correto. A complexidade pode ser usada pelos mais fracos como uma desculpa para o erro. Mas aqueles que se esforçam pelo autoaperfeiçoamento reconhecem as suas fraquezas, com a coragem e a determinação necessárias para vencê-las.

Quando uma carruagem avança descontroladamente não podemos atribuir a responsabilidade de possíveis acidentes aos cavalos nem à carruagem.

A imagem de um cocheiro dirigindo uma carruagem tem sido usada ao longo dos tempos para descrever a vida humana.

A cada encarnação assumimos a função de cocheiros. O nosso eu, o cocheiro, será mais ou menos leal a Atma-Buddhi, o eu superior. Nossa carruagem é puxada por cavalos e transporta um nobre passageiro: a presença silenciosa, a eterna testemunha que assiste a tudo, Atma-buddhi, o eu superior.

Numa das interpretações dessa imagem simbólica, nossos sentidos são representados pelos cavalos. São seis cavalos, sendo o sexto cavalo a mente, incluindo pensamentos e emoções. Ou seja, nós, o cocheiro, temos que controlar os cinco sentidos físicos, e ainda o sentido duplo dos sentimentos e dos pensamentos.

Cabe conduzir com confiança e segurança, sabendo que tudo o que fazemos é testemunhado pelo Eu Superior, o passageiro. O indivíduo-cocheiro que aspira alcançar metas nobres serve o passageiro e é leal a ele. Segundo Carlos destacou em mais de uma oportunidade, o eu superior é o mestre do eu inferior.

A imagem da carruagem, que é apresentada de várias maneiras em diversas obras, tem sido usada para explicar de forma simples um tema complexo.

Paul Carton usa uma outra ilustração bem esclarecedora da natureza humana quando compara o ser humano a “uma embarcação pequena e frágil navegando no oceano cósmico.” [1]

No texto “A Constituição Uni-Trinitária do Ser Humano”, Carton escreve o seguinte sobre a embarcação do ser humano:

“A sua tripulação é formada por três personagens que correspondem aos seus três elementos formadores: o espírito, no centro; a vitalidade, na frente; e o corpo físico, atrás. Essas três forças são agrupadas em uma unidade individual: o barco.”

A propósito da vitalidade, Paul Carton diz que ela é o motor da embarcação. A embarcação é dirigida pelo espírito, mas é a vitalidade que age na matéria. Com a sua vela, a vitalidade recolhe força motora, expandindo a sua própria reserva de energia.

A força vital atua com alguma independência no que diz respeito a funções externas. Mas como Carton destaca, a vitalidade é “incapaz de uma liderança clara e bem pensada. Ela deve sempre se voltar para o espírito e obedecer à direção dele, para que o barco siga no rumo correto.”

Na imagem da embarcação, o Espírito, a Alma Espiritual, é representado pela figura de um homem velho. A idade avançada representa imortalidade e sabedoria. É o espírito que domina os outros dois tripulantes, a vitalidade e o corpo físico. A alma espiritual segura as cordas da vela, dirigindo assim a embarcação.

A alma apoia-se na consciência universal. Segundo Paul Carton, ela se mantém erguida com a ajuda de duas muletas: a ciência e a religião.

Para os teosofistas, as muletas são a Religião-Sabedoria e a Ciência Sagrada. É pela prática dos ensinamentos espirituais que o ser humano expande o autoconhecimento e aperfeiçoa a si mesmo enquanto navega pelo oceano da Vida.

Paul Carton escreve o seguinte sobre o Espírito:

“Ele pode corrigir as inclinações e regular as energias impetuosas da vida, assim como os rumos frequentemente incorretos da matéria física que governa a parte posterior [da embarcação].”

“Ele conhece o objetivo oculto da existência, e busca torná-lo cada vez mais claro aos olhos da Vida, estimulando-a a agir corretamente, porque o tempo, medido pela sua ampulheta, é limitado para ele evoluir sob esta forma individual. O seu olhar está voltado para a frente, pois é ele que sabe, é ele que registra o passado, que zela pelo presente e vê à distância o futuro, para o qual deve guiar a embarcação.”

A imagem da embarcação ajuda a compreender de que forma podemos dar uma direção correta à nossa vida.

Avançando ao longo do caminho, sentimos o significado prático destes ensinamentos. Percebemos que quando damos o comando ao eu inferior, muitas vezes ele segue suas próprias aspirações e o resultado é sofrimento desnecessário, para nós próprios e também para os outros. Nossos níveis inferiores de consciência têm suas funções específicas. Seu papel não é o de um comandante, mas sim de um servidor leal do Eu Superior.

Na imagem de Paul Carton, o corpo físico - a matéria - vai na parte de trás da embarcação. Representado por um esqueleto, símbolo da mortalidade humana, ele alerta para o caráter precioso do tempo. Na imagem, a figura do esqueleto tem um par de asas e carrega uma foice - dois símbolos que podem ser vistos como dois polos, o Céu e a Terra, o mundo superior e o

mundo inferior. Isso leva a pensar na dualidade da natureza do eu inferior, com seus aspectos mundanos e também com seus aspectos leais à Alma Imortal.

A foice, que o esqueleto carrega, toca na água e, como Carton destaca, serve de leme para a embarcação. Isso mostra que a matéria física influencia os elementos que seguem no barco, podendo interferir no rumo da embarcação, caso a Alma Espiritual não tenha completo domínio no controle da vela.

O esqueleto, que representa a matéria, tem consigo arco e flechas. E Paul Carton diz que “obedecendo às sugestões da força vital ou do espírito, a matéria pode usá-los para se defender ou para atacar (...).”

Devemos educar a nossa natureza inferior para que ela coopere com a alma espiritual. Ela é uma aliada, quando devidamente educada por nós. A natureza humana é múltipla em suas características. Como em qualquer grupo, quando não há clareza de funções e de metas, surgem o boicote e a confusão. É necessário esclarecer bem o papel de cada um dos aspectos de nossa natureza. Assim haverá uma melhor cooperação entre eles.

Paul Carton salienta a importância da harmonia entre os três elementos que seguem na embarcação:

“Da harmonia das relações entre os três personagens depende o bom desempenho do barco, ou seja, do agrupamento individual. Sem vida e sem a sua vela motriz, o espírito não tem qualquer controle da matéria. Sem vida e sem espírito, a matéria não tem mais qualquer apoio ou orientação, mas está condenada ao naufrágio e ao desaparecimento.”

As palavras de Carton são puramente teosóficas e estão em perfeita consonância com os ensinamentos dos Mestres.

Um Mahatma escreveu:

“...O que é o ‘Espírito’ puro e impessoal em si? (...) Bem, tal Espírito é uma não-entidade, uma pura abstração, um absoluto vazio para os nossos sentidos - até mesmo para o mais espiritual deles. Ele se torna algo apenas em união com a matéria - daí que ele é sempre alguma coisa, já que a matéria é infinita e indestrutível e não-existente sem o Espírito, o qual, na matéria, é Vida. Separado da matéria, ele se torna a negação absoluta da vida e do ser, embora a matéria seja inseparável dele.” [2]

Negar um ou outro aspecto da Vida só pode levar ao desastre. Matéria e natureza inferior de um lado e Espírito e natureza superior de outro são duas dimensões interligadas. Há pessoas que negam o espiritual, enquanto outras desprezam a matéria. E isso é um erro.

A matéria está imbuída de Consciência e é através da matéria que o Espírito se manifesta.

A visão teosófica é integradora e devemos olhar para a natureza humana no seu conjunto.

Todos os aspectos da vida são importantes. Assim como os elementos que seguem na imagem da embarcação, usada por Paul Carton, todas as dimensões da consciência humana são essenciais para a nossa existência na Terra. Nascemos com sete princípios de consciência e seus subprincípios. Certamente o objetivo não é tentar aniquilar nenhum deles. Todos têm

uma função a desempenhar para que possamos cumprir o grande propósito: servir o mundo divino. Temos um corpo físico que constitui o veículo da Alma. É através da harmonia entre os vários aspectos da natureza que evoluímos.

Alguns indivíduos ainda se vêem como se fossem apenas o corpo físico, o cérebro e as emoções. No entanto, o ser humano é muito mais do que um corpo. E é muito mais do que os seus pensamentos e suas emoções.

Podemos supor que um nível relativamente sábio da nossa consciência diz ao nosso eu inferior, o gerente geral da vida diária, que tem dentro de si, como sua essência, o próprio eu superior:

“Não dê importância indevida a coisas passageiras e que estão fora do teu domínio. Mas também não ignores nenhum dos teus pensamentos ou emoções. Nem feches os olhos aos sinais que o teu corpo emite.”

“Encara todos eles de frente, por mais doloroso que possa ser, e por mais difícil que possa parecer.”

“Fingir que não existem ou que não os vêes é inútil e pode causar danos maiores.”

“Senta-te com eles como um rei se senta com os seus súditos e conselheiros.”

“Observa-os... Escuta-os... Testemunha cada um dos seus movimentos, mas sabendo que tudo o que te dizem é uma visão que eles próprios têm dos acontecimentos.”

“Tu não és a angústia... Tu não és a dor... E tampouco és a alegria passageira.”

“Aprende com tudo aquilo que chega até ti, mas não te vejas como sendo os teus sentidos. Quando expressares o mestre que há em ti, quando viveres a partir da tua alma espiritual, sentidos, emoções, pensamentos, coração e mente, passarão também eles a aprender contigo e limitar-se-ão a servir a vontade divina em vez de disputarem o trono do Reino do teu Ser.”

“Não te esqueças: o calor, o frio, a angústia, o medo, a alegria, a ansiedade, e tantas outras sensações, são simples mensageiras. Elas dão informações importantes sobre o estado do reino, mas o Rei és tu!”

(Joana Maria Pinho)

NOTAS:

[1] Do texto “[A Constituição Uni-Trinitária do Ser Humano](#)”, de Paul Carton.

[2] “Cartas dos Mahatmas”, Vol. II, Ed. Teosófica, Brasília, 2001, 398 páginas. Ver carta 93B, p. 122.

000

Leia os artigos “[Os Sete Princípios da Consciência](#)”, “[A Ponte Entre Céu e Terra](#)” e “[Os Sete Princípios do Movimento](#)”.

000

